



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 01/04/2022 a 07/04/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
01/04/2022	15,82	450,00	71,20	9,84	7,35
04/04/2022	16,02	455,10	72,34	10,10	7,50
05/04/2022	16,31	465,90	72,41	10,45	7,59
06/04/2022	16,19	461,80	71,83	10,38	7,56
07/04/2022	16,45	460,20	73,02	10,20	7,57
Média	16,16	458,60	72,16	10,19	7,51

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	173,00	
RS – Não Me Toque	173,00	
RS – Londrina	167,00	
PR – Cascavel	167,00	
MT – C.N.Parecis	150,00	
MS – Maracaju	167,00	
GO - Rio Verde	159,00	
BA – L.E.Magalhães	165,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	84,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	87,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	78,00	
MT – C.N.Parecis	76,00	
MS – Maracaju	80,00	
SP – Itapetininga	89,00	
SP – Campinas	90,00	CIF
GO – Rio Verde	75,00	
GO – Jataí	75,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	94,00	
RS – Não Me Toque	94,00	
PR – Londrina	92,00	
PR – Cascavel	95,00	

Período: 06/04/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 07/04/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,40	175,09	93,96

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
31/03/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	75,86
Feijão (saco 60 Kg)	287,50
Sorgo (saco 60 Kg)	79,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,17
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,29

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Em Chicago, as cotações da soja, após o anúncio do relatório de intenção de plantio e de estoques trimestrais, na posição 1º de março, recuaram, chegando a atingir a US\$ 15,82/bushel no dia 1º de abril. No entanto, como a volatilidade deste mercado persiste, as cotações se recuperaram nos dias seguintes, com o fechamento desta quinta-feira (07), para o primeiro mês cotado, ficando em US\$ 16,45/bushel, contra US\$ 16,18 uma semana antes. A média de março acabou sendo uma das mais altas da história de Chicago, com US\$ 16,79/bushel, subindo 5,7% sobre a de fevereiro. Um ano antes, em março/21, esta média foi de US\$ 14,14/bushel. Ou seja, em 12 meses a média do bushel de soja subiu mais de dois dólares e meio.

O mercado continua atento aos desdobramentos da guerra entre Rússia e Ucrânia, na medida em que as negociações de paz pouco avançam. Ao mesmo tempo, havia expectativas em relação ao relatório de oferta e demanda de abril, a ser anunciado no dia 08/04, o qual comentaremos com detalhes, neste espaço, na próxima semana. Enfim, os preços do petróleo, no mercado mundial, voltaram a subir, puxando as demais commodities, especialmente a soja. Vale ainda destacar que a Covid-19 está levando a China a fechar grande parte de seu mercado novamente, com lockdowns em cidades importantes, como Xangai. Isso está afetando a demanda chinesa, assim como a sua oferta de fertilizantes para o mundo, além de outros problemas.

Neste sentido, os contratos futuros de farelo de soja, da China, caíram 6% no final da semana passada, sendo a maior queda diária em 10 anos. Contou para isso também a liberação de estoques estatais chineses. Somente na semana passada os contratos do farelo na Bolsa de Dalian caíram 13%.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que os preços do farelo no mercado chinês estavam muito altos e indicavam uma correção para baixo. Com isso, as margens das indústrias esmagadoras na China começaram a melhorar. Segundo traders e analistas, a queda deve continuar, já que mais grãos chegam à China e a demanda do setor pecuário continua fraca, pois os suinocultores do país continuam perdendo dinheiro a cada suíno criado.

Pelo lado dos EUA, na semana encerrada em 31/03, o país embarcou 737.372 toneladas de soja, ficando o volume dentro das projeções do mercado. Assim, em todo o ano comercial atual os estadunidenses exportaram 44,2 milhões de toneladas de soja, sendo este volume 19% menor do que o exportado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços continuaram em baixa durante boa parte da semana, com a média gaúcha caindo para R\$ 175,09/saco, enquanto em muitas praças os preços praticados estiveram entre R\$ 171,00 e R\$ 173,00/saco. Assim, em poucas semanas, o mercado gaúcho registra perdas de cerca de 30 reais por saco de soja. O grande motivo deste movimento continua sendo o câmbio, auxiliado pelo recuo parcial nas cotações em Chicago em alguns momentos. Entretanto, parece que, ao atingir o ponto de R\$ 4,60 por dólar, a moeda brasileira chegou ao seu piso, neste momento, e um movimento de desvalorização do Real se iniciou neste final de semana. A questão é verificar se ele terá sustentação, pois no início de maio o Copom deverá anunciar novo

aumento no juro básico (Selic) brasileiro, fator que favorece a valorização da moeda nacional.

Dito isso, no Rio Grande do Sul, onde, agora, as chuvas atrasam a colheita e já causam perdas localizadas, até o final da semana passada 19% da área havia sido colhida, contra 40% na média histórica para esta época do ano. A produtividade média se estabelece ao redor de 17 sacos/hectare. No milho, a colheita gaúcha chegava, no final de março, a 75% da área, contra 63% na média histórica. (cf. Emater)

Em termos de preço, nas demais praças nacionais a soja fechou a corrente semana, primeira do mês de abril, valendo entre R\$ 150,00 e R\$ 167,00/saco.

Por sua vez, a exportação de soja brasileira, em abril, está estimada em 11,1 milhões de toneladas. Este volume representa um recuo de 29% sobre o recorde mensal de 15,7 milhões obtido em abril do ano passado. Já em março, as exportações de soja foram 2,7 milhões de toneladas menores do que em igual mês do ano anterior. Em se confirmando tais projeções para abril, o Brasil fechará os quatro primeiros meses de 2022 com exportações menores em 1,5 milhão de toneladas na comparação com igual período de 2021. O volume esperado para o atual primeiro quadrimestre é de 34,7 milhões de toneladas exportadas. (cf. Anec) Neste contexto, muitos analistas já esperam uma exportação total brasileira, neste ano de 2022, abaixo de 80 milhões de toneladas de soja, contra 86,6 milhões no ano passado.

Enfim, no caso do farelo, espera-se vendas externas de 1,9 milhão de toneladas em abril, ficando o volume final 300.000 toneladas acima do praticado em abril do ano passado. Por enquanto, o esmagamento de soja no país está com boas margens.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, continuaram relativamente estáveis nesta primeira semana de abril, com leve viés de alta. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (07) em US\$ 7,57, contra US\$ 7,48 uma semana antes. A média de março fechou em US\$ 7,47, com um ganho de 14,9% sobre a média de fevereiro. Para comparação, a média de março de 2021 foi de US\$ 5,52/bushel. Assim, no espaço de 12 meses, o bushel de milho, em Chicago, ganhou quase dois dólares.

Dito isso, o plantio da nova safra do cereal nos EUA, que deverá ter uma área menor, iniciou, sendo que até o dia 03/04 o mesmo atingia a 2% da área esperada. A partir de agora, o clima sobre as regiões produtoras estadunidenses volta a ser um elemento importante no comportamento do mercado do milho e dos grãos em geral.

Por outro lado, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 31/03, atingiram a 1,53 milhão de toneladas, ficando dentro do intervalo esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial aquele país embarcou 30,6 milhões de toneladas, ou seja, 15% a menos do que um ano antes.

E na Argentina, os agricultores locais venderam 20,7 milhões de toneladas de milho da safra 2021/22 até o início da corrente semana. O volume vendido tem aumentado devido a guerra Rússia x Ucrânia, já que a mesma tem provocado um déficit global do

cereal. A Argentina é um dos grandes exportadores mundiais de milho, juntamente com o Brasil, e sua última safra está estimada em 49 milhões de toneladas, atingida que foi pela seca.

E no Brasil, os preços do milho voltaram a recuar. A média no balcão gaúcho fechou a primeira semana de abril em R\$ 85,40/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 75,00 e R\$ 89,00/saco. No caso do mercado gaúcho, o preço médio perdeu mais de cinco reais por saco em uma semana.

Já na B3, o pregão abriu a quinta-feira (07/04) com os seguintes valores: contrato maio em R\$ 87,30/saco; julho em R\$ 87,21; setembro em R\$ 87,01; e novembro em R\$ 89,39/saco.

A demanda brasileira, em boa parte, aproveitou o recuo dos preços nestas últimas semanas para fazer estoques e, com isso, diminuiu a procura pelo cereal nestes últimos dias. Com isso, a liquidez do mercado caiu nesta semana. (cf. Cepea) No geral, o mercado interno está calmo, com os maiores compradores esperando a entrada da nova safrinha. Existe a expectativa de que em 30 a 40 dias o milho da região de Lucas do Rio Verde (MT) comece a ser colhido, enquanto o clima vem transcorrendo bem para a planta no Centro-Sul brasileiro.

Neste contexto, apesar da quebra na safra de verão do Centro-Sul, o mercado espera que a produção da segunda safra compense, e o volume total de milho, a ser produzido no país em 2021/22, bata um recorde, chegando a 118,2 milhões de toneladas. Espera-se uma área com a safrinha em 14,7 milhões de hectares no país, com aumento de 1,9% sobre o ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Ora, para isso ocorrer, a safrinha deverá resultar em volume maior do que a maioria dos analistas no Brasil vem apontando, que, por enquanto, está em 84,6 milhões de toneladas neste ano, contra as 57,8 milhões do ano passado.

Além deste aumento na produção da safrinha, pesa sobre o mercado o fato de que o Brasil vem exportando menos milho neste ano. Nos 22 dias úteis de março o país vendeu 14.279 toneladas ao exterior, contra 292.013 toneladas em todo o mês de março de 2021. Assim, a média diária, deste mês de março, está em recuo de 94,9% em relação a março do ano passado. Já o preço da tonelada subiu 70,2%, passando para US\$ 432,90, contra US\$ 254,30 um ano antes. (cf. Secex)

Soma-se a isso o fato de que o país vem importando mais milho neste ano, diante das preocupações causadas pelas quebras consecutivas das últimas safrinha e safra de verão. Assim, em março o país comprou 116.672 toneladas do cereal, recebendo 2,7% a mais de produto em relação a março de 2021. A média diária de importação, em março passado, subiu 7,4% em relação a março do ano anterior. Já o preço da tonelada importada subiu 43,1%, chegando a US\$ 262,20. (cf. Secex)

E especificamente no Mato Grosso, a safrinha de milho deve ter ocupado 6,3 milhões de hectares, representando um aumento de 7,9% sobre a área semeada no ano anterior. Espera-se uma produtividade média de 107,3 sacos/hectare, com um aumento de 15,8% sobre o ano anterior, fato que poderá levar a produção final de milho,

naquele Estado, a 40,4 milhões de toneladas. Em se confirmando este volume, o mesmo será 24,1% maior do que o registrado no ano anterior. (cf. Imea)

No Paraná, 89% da safra de verão já foi colhida, enquanto o plantio da safrinha atingia a 99% da área esperada, que é de 2,63 milhões de hectares. Deste total semeado, até o dia 04/04, 21% estavam em floração e 8% em frutificação, sendo que 96% das lavouras eram consideradas em bom estado. (cf. Deral)

Por sua vez, no Mato Grosso do Sul, os dados já aqui divulgados não se modificaram, porém, o preço médio do produto recuou 5,6% na semana entre 28/03 e 04/04, chegando a R\$ 77,75/saco. Com isso, na comparação anual, a média de março passado (R\$ 79,91/saco) ficou apenas 1,42% superior à média de março/21, que foi de R\$ 78,79/saco. Até este início de abril os produtores sul-matogrossenses de milho haviam negociado, antecipadamente, 13% da produção esperada para a safrinha, contra 28% no mesmo período do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, para o primeiro mês cotado, após recuar para US\$ 9,84/bushel no dia 1º de abril, voltou a subir, fechando a quinta-feira (07) em US\$ 10,20, contra US\$ 10,06 uma semana antes. Lembrando que o valor de 1º de abril não era visto desde o final de fevereiro. Ao mesmo tempo, a média de março atingiu a US\$ 11,24/bushel, ganhando 39,4% sobre a média de fevereiro. Em março de 2021 a média havia sido de US\$ 6,35/bushel. Ou seja, no espaço de 12 meses o trigo ganhou quase cinco dólares em Chicago. Obviamente, a guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada no final de fevereiro passado, é um dos principais elementos deste forte aumento, já que a média de janeiro/22 foi de US\$ 7,72/bushel. Isso significa dizer que nos últimos dois meses (fevereiro e março) a média do trigo em Chicago ganhou quase quatro dólares por bushel.

Dito isso, o mercado aguardava o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 08/04, o qual iremos analisar, com detalhes, no próximo comentário.

Além disso, nos EUA o plantio do trigo de primavera atingia a 3% da área esperada no dia 03/04, contra 2% na média histórica para a data.

Por sua vez, ainda nos EUA, os embarques de trigo atingiram a 297.341 toneladas na semana encerrada em 31/03, ficando dentro das projeções do mercado. Em todo o ano comercial atual, os EUA embarcaram 17,2 milhões de toneladas de trigo, ou seja, 18% a menos do que em igual período do ano anterior.

Enquanto isso, na Rússia, aumentou-se a previsão para as exportações de trigo do país, apesar da guerra contra a Ucrânia. Agora, para este ano 2021/22, os russos esperam exportar 33,9 milhões de toneladas, contra 39,1 milhões no ano anterior. Dentre os motivos deste aumento nas exportações, em relação ao que estava projetado antes, estão: os altos preços mundiais do cereal; a forte desvalorização do rublo; os embarques mais rápidos ocorridos na segunda quinzena de março; e, particularmente, o fato de parte da demanda de trigo mudar da Ucrânia para a Rússia

em função de problemas logísticos provocados pela guerra em ambos os países. (cf. Sovecon, via Reuters)

Por outro lado, a Índia igualmente tira proveito do conflito no Leste Europeu e teria aumentado suas vendas externas de trigo, chegando a 7,85 milhões de toneladas no ano comercial encerrado em março. Trata-se de um recorde histórico, após 2,1 milhões de toneladas exportadas no ano anterior. Apesar da Índia ser o terceiro maior produtor mundial de trigo, atrás apenas da China e da União Europeia, com previsão de 109,6 milhões de toneladas para este ano 2021/22, suas exportações são reduzidas, pois o país consome quase toda sua produção em seu mercado interno. Os maiores compradores do trigo indiano, neste último ano, foram Bangladesh, Coreia do Sul, Sri Lanka, Omã e Catar.

Já na Ucrânia, o sindicato de traders de grãos pediu ao governo que cancele as restrições às exportações de trigo, pois os estoques locais estão muito altos e os embarques não afetariam a segurança alimentar ucraniana, apesar da guerra. Lembramos que, em março, a Ucrânia introduziu licenças de exportação para trigo, milho e óleo de girassol. Duas semanas depois, o governo cancelou as restrições à exportação de milho e de óleo de girassol, mantendo-as para o trigo. A Ucrânia teria colhido 33 milhões de toneladas de trigo em 2021 e, antes da guerra, planejava exportar 25,3 milhões de toneladas no ano comercial 2021/22 (julho-junho). Todavia, os embarques quase pararam, desde o final de fevereiro, devido à invasão pela Rússia e ao bloqueio dos portos do Mar Negro e do Mar de Azov. Assim, cerca de 12 milhões de toneladas de trigo ainda estão armazenadas na Ucrânia, enquanto faltam menos de 3 meses para a nova colheita, e o consumo interno pode ser de apenas 1,5 milhão de toneladas. A grande incógnita é o que será colhido nesta nova safra diante dos efeitos nocivos da guerra.

Em paralelo, na União Europeia as exportações do cereal devem igualmente aumentar, na esteira da guerra. Segundo a Comissão Europeia, os embarques de trigo macio, por parte da União, poderão atingir a 40 milhões de toneladas em 2022/23, ano comercial que se inicia agora em julho, contra 33 milhões no ano anterior. A menor oferta da Ucrânia, bloqueada pela guerra, seria o principal motivo deste aumento nas exportações da União Europeia. Além disso, a União deverá importar bem menos milho, atingindo a 9 milhões de toneladas, contra 14 milhões no ano comercial anterior. Lembramos que a União Europeia é um importador líquido de milho para a alimentação animal, tendo a Ucrânia como um de seus maiores fornecedores deste cereal.

Por fim, ainda no front externo, o Egito, normalmente o maior importador individual de trigo, no mundo, aumentou suas compras oriundas da Rússia em março, mesmo diante das dificuldades motivadas pela guerra. O país norte-africano recebeu 479.195 toneladas do cereal russo no mês de março, volume que representou 24% acima do registrado no mesmo mês do ano anterior. Já as importações egípcias de trigo ucraniano caíram 42% em relação a março de 2021, ficando em apenas 124.500 toneladas. A vantagem russa é que seus portos, apesar da guerra, permanecem abertos, lembrando que em 2021 o Egito importou, da Rússia e da Ucrânia, cerca de 80% do trigo que comprou no exterior.

E no Brasil, os preços do trigo permaneceram relativamente estáveis, porém, com viés de baixa, nesta primeira semana de abril. O balcão gaúcho fechou a semana na média

de R\$ 93,96/saco, contra R\$ 94,60 na semana anterior, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 92,00 e R\$ 95,00/saco.

De forma geral, o mercado cede um pouco, diante da valorização do Real, a qual torna as importações do cereal mais competitivas. Dito isso, as cotações das farinhas seguiram em alta, devido ao elevado custo com a matéria-prima e ao fato de alguns moinhos já terem sinalizado previsão de novos reajustes positivos em abril. No caso dos farelos, o repasse dos custos e a realização de negócios estão mais difíceis, pois há disponibilidade de substitutos com menor preço para a alimentação animal. (cf. Cepea)

Afora isso, no norte do Paraná, na região de Maringá, os primeiros plantios de trigo da nova safra começam a ocorrer neste início de abril. Segundo o Deral, 375 hectares com o cereal teriam sido semeados, enquanto a área total esperada no Estado deverá superar a um milhão de hectares. Por enquanto, o clima naquela região está favorável ao plantio. A safra total de trigo, no Paraná, em 2022, está projetada em 3,87 milhões de toneladas, após 3,2 milhões no ano passado.

Enfim, enquanto no Brasil o preço do pão francês (popular cacetinho no Rio Grande do Sul) aumentou 20% em alguns Estados, puxado pela forte elevação nos preços do trigo mundial, na Argentina o governo local intervém no mercado, mais uma vez. O governo do vizinho país assinou um acordo com representantes do setor de panificação para manter os preços de referência do quilo do pão por 90 dias. Dito de outra maneira, o governo está congelando os preços ao consumidor local. Uma política que ajuda no curto prazo mas que causa grandes problemas para a economia em geral e o setor atingido em particular, na sequência. Principalmente porque o Estado argentino, para bancar tal política, terá que subsidiar o valor do trigo para os moinhos (os moinhos comprarão trigo ao preço de mercado e repassarão a farinha, dali resultante, a um valor proporcionalmente mais baixo ao consumo final, sendo a diferença bancada pelo Estado argentino). (cf. Canal Rural)